

## OS JARDINS DOS CASARÕES ECLÉTICOS PELOTENSES

Mariane D'Avila Rosenthal/Bacharelado em Artes da UFPel

Carlos Alberto Ávila Santos/Centro de Artes da UFPel

rosenthal.mariane@hotmail.com

betosant@terra.com.br

**Resumo:** O artigo apresenta os resultados parciais da pesquisa “Espaços verdes de Pelotas no final do século XIX e início do XX: arborização e ajardinamento em locais públicos, semipúblicos e privados”. Comenta sobre as sucessivas reformas realizadas na área urbana, que incluíram a arborização das vias, a organização das praças e dos ajardinamentos privados, que responderam às indicações de urbanistas e higienistas. Enfoca os jardins das antigas residências do Conselheiro Maciel, do Barão de São Luis e do Barão de Butuí.

**Palavras-chave:** Arborização; Praças; Jardins

### Introdução:

O desenvolvimento de Pelotas – entre os anos de 1870 e 1931 – implicou num processo de transformação da área central da cidade, que proporcionou melhor qualidade à vida cotidiana dos habitantes, como são exemplos: as canalizações de água potável (1876) e de esgotos (1914), a iluminação pública e as linhas de bondes elétricos (1915), a pavimentação das ruas com paralelepípedos de granito (1922) (SANTOS, 2007). As melhorias se desmembraram na organização dos logradouros públicos existentes, transformados em praças. Como também na arborização das vias do plano reticulado traçado em ruas paralelas (leste/oeste), cortadas por artérias perpendiculares (norte/sul), que permitiram a insolação dos quarteirões assim formados e das construções ecléticas erguidas durante o período.

No espaço urbano foram projetadas quatro avenidas. A primeira, a atual Avenida Bento Gonçalves, desenhada na primeira planta da cidade, de 1812, que cortava a localidade na direção leste/oeste (GUTIERREZ, 1993). Nomeada como: Rua do Passeio. Seguiram-se a Avenida Duque de Caxias, que ligou o núcleo central ao bairro do Fragata; a Avenida Domingos de Almeida, que se estendeu em direção oposta e serviu ao bairro do Areal; a Avenida Saldanha Marinho, que desafogou o tráfego entre o centro de comércio e a estação da via férrea – inaugurada em 1884

(SANTOS, 2007). As duas primeiras avenidas foram arborizadas em 1914. Nos canteiros centrais foram plantadas as espécies *Eucalyptus robusta* e *Grevillea robusta*, respectivamente. A Avenida Saldanha Marinho recebeu arborização somente em 1921, que utilizou uma espécie leguminosa. Seguindo o plano administrativo, diferentes artérias receberam mudas de acácia negra, ipê e jacarandá, dispostas nos canteiros centrais ou nos passeios laterais. Os canteiros arborizados organizaram o trânsito – nos dois sentidos – e embelezaram os caminhos. As áreas verdes qualificaram o ar da cidade.

Essas transformações técnicas e estéticas se alicerçaram no enriquecimento da localidade, alavancado pela exportação do charque e seus derivados, ampliado com o desenvolvimento do comércio e dos serviços no centro urbano, que proporcionaram o florescimento de novas práticas socioculturais (PARADEDA, 2003). As praças – enquanto núcleos de sociabilidade e de convivência coletiva – refletiram esse momento de opulência da cidade e da classe dominante, não só pela pluralidade de usos desses locais, mas também pelos equipamentos implantados: chafarizes, bancos e postes de iluminação moldados em ferro fundido. Os espaços verdes foram valorizados pela riqueza arquitetônica dos prédios ecléticos erguidos no entorno dos mesmos

Segundo PARADEDA (Ibid), os hábitos sociais, o comportamento e os usos de uma determinada classe dominante é que estabeleceram e definiram estes locais e a cidade moderna, desencadeando novas formas de liberdade e de mobilidade, abrindo enorme leque de experiências e atividades para as populações citadinas. Tornaram a área construída humanizada em patrimônio coletivo, com espaços estruturadores das cidades, da sua história, atrelados aos valores do passado e às novas necessidades impostas pela modernidade. Permitiram que a natureza domesticada fosse inserida no interior das urbes, visto que as paisagens naturais se tornaram mais distantes dos habitantes, em virtude do crescimento dos núcleos urbanos.

Em Pelotas, os primitivos logradouros objetivaram a organização destes espaços coletivos em praças. Conforme PARADEDA (Ibid), com o passar do tempo, se constituíram em elementos morfológicos que se distinguem de outros lugares pela

organização espacial e pela intencionalidade do desenho, proporcionando pontos de encontro e de permanência da comunidade, de diferentes acontecimentos civis, religiosos e políticos, de manifestações da vida urbana, de práticas de lazer e de recreação. Tornaram-se jardins destinados às sociabilidades.

A industrialização concorreu para a importação do reservatório de água originado da Escócia e dos chafarizes franceses (XAVIER, 2006). Os modernos equipamentos importados das nações industrializadas foram encomendados pela antiga *Companhia Hidráulica Pelotense*, instalados nos logradouros públicos entre os anos de 1873 e 1875, com o objetivo de fornecer água potável à população. A água captada do canal São Gonçalo e tratada foi então canalizada através de tubulações subterrâneas, entre o reservatório e as fontes. A partir do ano de 1876, os chafarizes perderam sua função original, substituída pelas redes de água estendidas às construções, reformadas para receber a inovação. Os equipamentos fundidos em ferro tornaram-se símbolos da modernização que a cidade alcançou na época.

No entorno da Praça Coronel Pedro Osório foram erguidas as antigas residências do Conselheiro Francisco Antunes Maciel (1878), do Barão de São Luis (1879) e do Barão de Butuí (SANTOS, 2007). As duas primeiras construções apresentaram vazios centrais ou laterais em relação aos limites dos terrenos. Esses espaços foram organizados em jardins, propiciaram a circulação e a ventilação/insolação dos ambientes interiores. Os vãos iniciais das edificações ecléticas traduziram a postura dos construtores na conquista e incorporação da natureza à arquitetura residencial, e determinaram a extinção das antigas alcovas do período colonial (REIS FILHO, 1987). Edificado por volta dos anos de 1830, o sobrado com características da estética luso-brasileira, que originalmente pertenceu ao charqueador José Vieira Viana, foi adquirido pelo Barão de Butuí e reformado em 1880, harmonizando estilisticamente com as casas vizinhas.

### **Os jardins da antiga residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel**

A antiga residência do Conselheiro Francisco Antunes Maciel foi erguida em 1878 na esquina das ruas Barão de Butuí e Felix da Cunha (Figura 1.1). A caixa mural eclética apresenta duas fachadas. A principal voltada para a Rua Felix da Cunha e

para a Praça Coronel Pedro Osório. A secundária virada para a Rua Barão de Butuí. Ambas apresentam a composição tripartida que caracterizou o ecletismo historicista desenvolvido em Pelotas, com os altos porões, as fachadas propriamente ditas, e os coroamentos constituídos pelas platibandas e frontões.



**Figura 1:** Os dois vazios organizados em jardins, na antiga residência do Conselheiro Maciel.  
**Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.

O palacete assobradado utilizou dois espaçamentos, um deles voltado para a praça central, que guardou distância em relação à casa vizinha do Barão de São Luis, Leopoldo Antunes Maciel, irmão do Conselheiro Maciel. (Figura 1.1) O outro vazio – voltado para a rua lateral – dividiu a residência em dois blocos (Figura 1.2). O primeiro módulo ocupa a esquina, onde interiormente se desenvolvia a área social e íntima da moradia. O segundo abrigava a área de serviços.

Os dois vazios foram organizados em jardins, ambos apartados do espaço público por muros de alvenaria com gradis e portões de ferro. (Figuras 2.1 e 2.2) No jardim voltado para a praça os canteiros de formas geométricas foram arranjados de maneira assimétrica (Figura 3.1), cujas bordaduras realizadas em alvenaria de tijolos

e cimento imitam troncos de árvores. (Figuras 3.2) Um pedestal de vaso, realizado na mesma técnica, ornamenta um canto lateral. (Figura 4.1) No fundo do recinto verde foi moldada em cimento uma gruta e um pequeno espelho d'água, decorada com a técnica dos embrechados, com pedras e conchas incrustadas na massa (MACHADO, 2013)



**Figura 2:** Gradis e portões de ferro dos jardins da antiga residência do Conselheiro Maciel.  
**Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.

Recentemente, o imóvel foi vendido e restaurado. A antiga construção foi adquirida pela Universidade Federal de Pelotas, após a restauração foi destinada a abrigar o Museu do Doce. Com a interferência restaurativa finalizada no ano de 2013, os caminhos desse jardim receberam pavimentação de mosaico português, constituindo faixas ondulantes em preto e branco (Figura 5). Uma passarela revestida de mármore leva à escadaria, com degraus na mesma pedra e corrimão de ferro fundido, que dá acesso à porta principal do prédio.

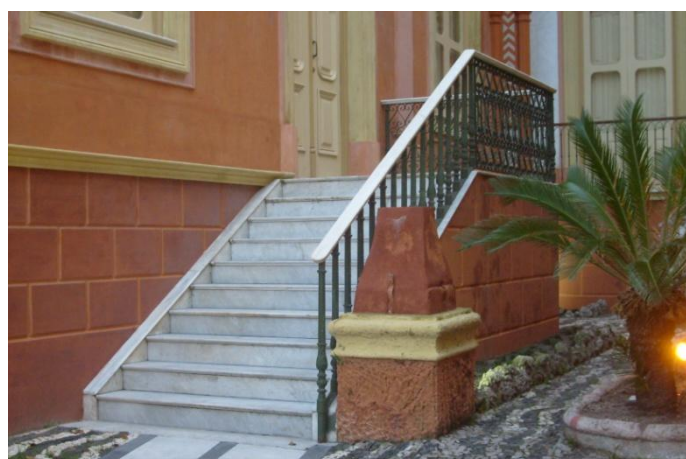
No vão voltado para a Rua Barão de Butuí os limites dos canteiros imitam pedras, moldados em alvenaria de tijolos e cimento (Figura 6.1). Alguns foram trabalhados na técnica dos embrechados, inserindo pedras verdadeiras sobre a argamassa. Com o restauro do imóvel, as bordaduras lacunares do jardim foram reconstituídas em muretas lisas de cimento, os caminhos cobertos com seixos. Uma passarela em concreto leva à escadaria que dá acesso ao bloco destinado, originalmente, aos serviços da casa (Figura 6.2).



**Figura 3:** Aspecto do jardim assimétrico e as bordaduras dos canteiros, na antiga residência do Conselheiro Maciel. **Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.



**Figura 4:** O pedestal de vaso que imita um tronco de árvore. A gruta e um pequeno espelho d'água, decorados com embrechados, na antiga residência do Conselheiro Maciel. **Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.



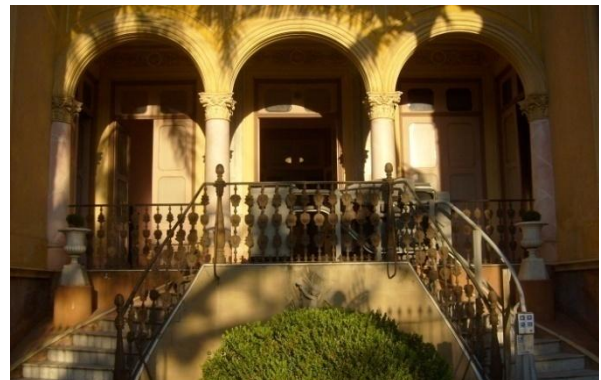
**Figura 5:** A pavimentação em mosaico português e a passarela revestida de mármore, na antiga residência do Conselheiro Maciel. **Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.



**Figura 6:** Detalhe das bordaduras dos canteiros. E o aspecto do jardim voltado para a Rua Barão de Butuí, na antiga residência do Conselheiro Maciel. **Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.

### Os jardins da antiga residência do Barão de São Luis

A antiga residência de Leopoldo Antunes Maciel, o Barão de São Luis, foi erguida em 1879 no terreno de meio de quadra da Rua Felix da Cunha, voltada para a Praça Coronel Pedro Osório. A fachada do palacete eclético de porão alto é constituída de três módulos. Os módulos laterais foram construídos nos limites frontais do terreno, enquanto que o central guardou distância desse perímetro, formando um vazio que foi ajardinado (Figura 7). Como na casa vizinha do Conselheiro Maciel, o jardim foi também fechado com muro de alvenaria, com gradis e portão de ferro (Figura 8).



**Figura 7:** Fachada principal e espaçamento da antiga residência do Barão de São Luis. **Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014

Conforme TERRA (2000), os jardins frontais ou laterais tornaram-se um complemento dos prédios ecléticos. Acrescidos de varandas, lembravam, em muitos casos, o aspecto das antigas chácaras do período colonial. Nas construções urbanas historicistas, salientaram o status social dos proprietários. A varanda do

palacete do Barão de São Luis é sustentada por colunas e arcos romanos, a qual se chega por meio de caprichosa escadaria com degraus de mármore e corrimãos de ferro fundido ricamente trabalhados. Os fustes das colunas coríntias e as paredes são revestidos de escaíolas que imitam o mármore.

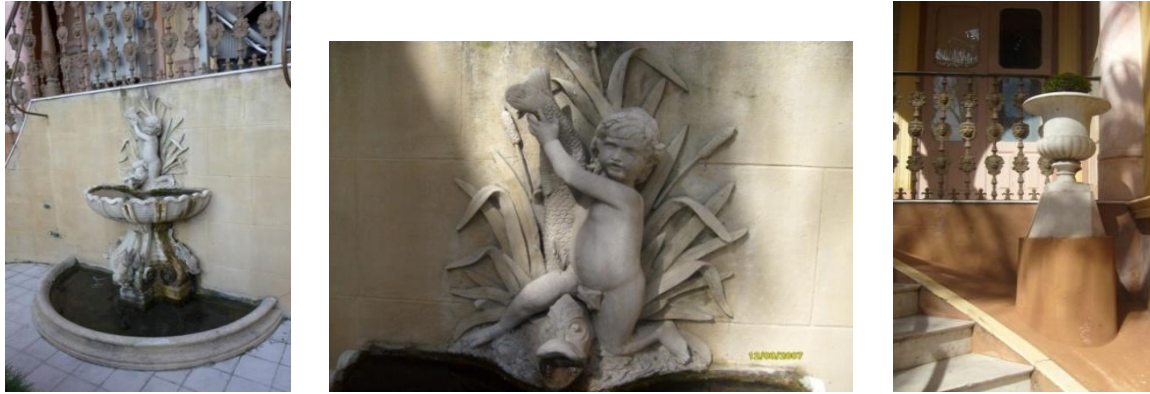


**Figura 8:** Aspectos do jardim e da escadaria com degraus de mármore da antiga residência do Barão de São Luis. **Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.

As paredes do porão alto são decoradas com rusticações (Figura 7). A rica fachada é ritmada por pilastras com caneluras e capitéis coríntios. As portas-sacada se abrem para guarda-corpos individuais em ferro fundido, são encimadas por frontões triangulares. Um frontão grego arremata o corpo central e reforça a simetria da composição. A platibanda vazada, preenchida com balaústres de faiança, é ornamentada por estátuas de gosto clássico, moldadas em cerâmica alouçada. Todos esses requintes, que também ornamentam o casarão do Conselheiro Maciel, são característicos do ecletismo historicista que se desenvolveu na arquitetura pelotense entre os anos de 1870 e 1931 (SANTOS, 2007).

O portão de ferro fundido dá acesso ao vazio central ajardinado. O jardim apresenta simetria na disposição dos elementos estruturais, com pequenos canteiros laterais e um redondo e central. Caracterizando, portanto, uma organização ao estilo francês (Figura 8) Os caminhos pavimentados com ladrilhos hidráulicos em relevo levam à escadaria e à varanda de entrada. O porão alto permitiu a composição da escada em forma de um “U”, ornada com dois vasos clássicos e uma fonte, cuja bacia em forma de concha apresenta a figura de um *Putto* que busca cavalgar um golfinho, em frente de um feixe de juncos, que remete à vegetação característica das margens do canal São Gonçalo e do Arroio Pelotas (Figura 9) (SANTOS et al, 2012).





**Figura 9:** A fonte da escadaria de entrada da antiga residência do Barão de São Luis.  
**Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.

No interior, a construção se abre para um pátio interno, que também foi ajardinado. Este pátio garante a iluminação e a aeração dos corredores de circulação que levam à área de serviços (10.1). Os canteiros com formas geométricas apresentam simetria na composição, repetem o estilo francês do jardim de entrada da residência (Figura 10.1 e 10.2). As bordas foram realizadas com alvenaria de tijolos, cujo revestimento em massa de cimento imita as texturas dos troncos de árvores (Figura 10.3). No fundo, há uma escada de acesso ao espaço verde (Figura 10.4).



**Figura 10:** Jardim interno da antiga da antiga residência do Barão de São Luis.  
**Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014.

## O jardim da antiga residência do Barão de Butuí

O sobrado vinculado à estética luso-brasileira e sem porão alto, edificado nos limites do lote de esquina das ruas Lobo da Costa e Felix da Cunha, pertenceu ao charqueador José Vieira Vianna. Foi adquirido por José Antônio Moreira, o Barão de Butuí, e reformado em 1880 (SANTOS, 2007). O Barão presenteou o imóvel a seu filho Ângelo Gonçalves Moreira, comemorando as bodas de seu casamento. Com a reforma realizada pelo construtor italiano José Isella (CHEVALLIER, 2002), a caixa mural recebeu a camarinha, as platibandas vazadas e preenchidas com balaústres de faiança, os frontões e as estátuas moldadas em cerâmica alouçada, as portas-sacada da fachada principal e os guarda-corpos em ferro fundido, os ornamentos de estuque em relevo: os frontões gregos ou cimbrados dispostos sobre as aberturas do segundo pavimento, as pilastras com capitéis coríntios que reforçam a divisão tripartida das duas fachadas – principal e secundária.



**Figura 11:** Fachada principal da antiga residência do Barão de Butuí.  
**Fonte:** Foto do autor, 2010.

Com a reforma realizada, o casarão vinculou-se a estética historicista eclética e harmonizou com as moradias vizinhas, completou o conjunto neo-renascentista fronteiro à praça central e tombado pelo IPHAN no ano de 1977 (ROSA, 2013). Após a restauração, finalizada em outubro de 2005, passou a abrigar a Secretaria de Cultura do município (SECULT) e o Museu Adail Bento Costa. (Figura 11)

O antigo sobrado foi edificado no entorno de um pátio central, ajardinado durante a reforma (Figuras 12.1 e 12.2). Como nos jardins dos palacetes vizinhos do Conselheiro Maciel e do Barão de São Luis, o pátio interno recebeu canteiros com formas geométricas e bordaduras realizadas em massa de cimento, que imitam pedras. Repetem-se os pitorescos embrechados, com a inclusão de pedras reais na composição dessas muretas (Figuras 12.3 e 12.4).



**Figura 12:** Aspectos do jardim interno, dos detalhes dos canteiros e dos embrechados, no jardim do sobrado do Barão de Butuí. **Fonte:** Fotos da autora, 2013/2014

Organizados de forma simétrica, os canteiros seguem a disposição dos jardins franceses. Destaca-se na parte central um canteiro circular que contorna pequeno espelho d'água, onde foram moldadas pedras artificiais que sustentam um chafariz.

(Figura 13.1) No fundo do espaço ajardinado, destaca-se um banco estruturado em alvenaria de tijolos (Figura 13.2), cuja massa de revestimento recebeu a inserção de conchas. Quando da restauração do edifício, os limites lacunares dos canteiros foram preenchidos com muretas lisas de cimento. (Figura 12.2)



**Figura 13:** Detalhes da fonte, das bordaduras dos canteiros e do banco com embrechados, no jardim do sobrado do Barão de Butuí. **Fonte:** Fotos da autora, 2013.

### **Conclusão:**

A arborização das ruas e o ajardinamento dos espaços públicos e privados embelezaram o espaço urbano de Pelotas e purificaram o ar da cidade. A organização das áreas verdes respondeu às recomendações dos técnicos das áreas da saúde e do urbanismo. A atual Praça Coronel Pedro Osório foi o primeiro logradouro público ajardinado, seguiu a estética paisagística francesa. Mas, também mesclou elementos românticos: a ponte do lago e as pequenas estruturas de alvenaria dos jatos d'água; os embrechados do teto da edificação da ilha. O jardim se tornou ponto de encontro da sociedade da época, local destinado ao ócio e à contemplação da natureza, onde descansavam famílias e desfilavam senhoritas e cavalheiros após as missas realizadas na Catedral, ou depois das seções dos cinemas.

As caixas murais ecléticas fronteiras à praça apresentaram vazios – frontais ou laterais – em relação aos limites dos lotes de terreno. Esses espaçamentos contribuíram para a aeração e insolação dos ambientes interiores das moradias. Jardins foram organizados nesses espaços, que buscaram maior contato das salas internas com a natureza. Constituíram mais um requinte dos palacetes historicistas. As grutas artificiais, os pequenos espelhos d'água e os canteiros geométricos

limitados por cordões de alvenaria, que imitavam troncos de árvores ou pedras, tornaram esses ambientes pitorescos. Esses elementos ornamentais materializaram um gosto requintado da sociedade da época, se estenderam às varandas e às escadarias de acesso aos prédios: corrimãos de ferro fundido e degraus de mármore; escaiolas e decorações de estuque em relevo.

Parte da riqueza acumulada pela elite pelotense foi empregada na construção das residências ecléticas edificadas entre 1870 e 1931, exemplificadas nesse artigo pelas moradias do Conselheiro Maciel, do Barão de São Luis e, pela reforma do sobrado do Barão de Butuí. A burguesia ascendente de Pelotas, enobrecida pelos títulos que receberam muitos dos proprietários dos imponentes palacetes, importou elementos funcionais e ornamentais dos países europeus industrializados, integrados aos prédios. Adquiriu ornamentos produzidos em ateliês e oficinas que se criaram na localidade para esse fim. Contratou artesãos para a realização das decorações das superfícies murais externas e internas, que se repetiram nos edifícios semipúblicos e públicos, com diferentes funções. Dessa maneira, a paisagem urbana local buscou espelhar o aspecto moderno dos grandes centros brasileiros ou da Europa, símbolo da civilização e cultura peculiares à modernização e à modernidade.

Por um lado, a organização dos espaços verdes pelotenses seguiu o estilo clássico do paisagismo francês: na disposição simétrica das formas geométricas dos canteiros e na poda dos arbustos em volumes geometrizados; na inclusão de vasos e estátuas que remetem à Antiguidade. Por outro, os jardins revelaram peculiaridades da estética romântica, comuns no paisagismo inglês: nas grutas, ruínas e pontes artificiais construídas em alvenaria de tijolos; nas bordaduras dos alfobres e dos corrimãos, que imitam pedras e troncos de árvores; no uso dos embrechados.

Essas características – clássicas e românticas – foram cotidianamente exploradas nos ajardinamentos da época. No Rio de Janeiro encontramos soluções semelhantes. Como a elaboração do jardim do antigo palacete residencial do Barão de Nova Friburgo, Antônio Clemente Pinto, construído entre 1858 e 1866, hoje Museu da República (CHAGAS, 1998). O método repete-se no espaço verde organizado na antiga morada do Barão da Lagoa, que data de 1850, e atualmente

abriga a Fundação Casa de Rui Barbosa (REIS, 2011). Em Pelotas, são similares os ajardinamentos do atual Museu da Baronesa, e o jardim interno da casa vizinha ao sobrado do Barão de Butuí, localizada na Rua Lobo da Costa, fronteira ao Teatro Guarani. (Figura 14).



**Figura 14:** Jardim da casa vizinha ao sobrado do Barão de Butuí, localizada na Rua Lobo da Costa, fronteira ao Teatro Guarani. **Fonte:** Fotos da autora 2013/2014

### Referências:

CHAGAS, Mário de Souza. **Conhecendo o Museu da República**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1998.

CHEVALLIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX**. Pelotas: Ed. Mundial, 2002.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. Mundial, 1993.

MACHADO, Zélia Maria de Oliveira. Embrechados: de Portugal ao Brasil. In: VALLE, Arthur; DAZZI, Camila; PORTELLA, Isabel. (Org.) **Oitocentos: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2013.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade: um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3997> Acesso em: 15/12/2013.

ROSA, Rosália Amorim. **O sobrado do Barão de Butuí. Pelotas/RS**: de residência a centro de cultura. 2013. Monografia (Especialização em Artes: Patrimônio Cultural). Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

REIS, Claudia Barbosa. **Memória de um jardim**. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2011.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil (1870-1931)**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo; Área de Conservação e Restauro). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

\_\_\_\_\_; DUTRA, Amanda; ALVES, Ana Luiza Alves; SANTOS, Isabele Domingues dos; MACEDO, Santos, Jamila Lima; PEREIRA, Letícia Alves. **Elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética pelotense, 1870-1931**. Estatuária. 2012. Artigo. Disponível em: [www.ecletismoempelotas](http://www.ecletismoempelotas) Acesso em: 15/12/2013.

TERRA, Carlos Gonçalves. **O jardim no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2000.

XAVIER, Janaina Silva. **Chafarizes e caixa d'água de Pelotas**: elementos de modernidade do primeiro sistema de abastecimento (1871). 2006. Monografia (Especialização em Artes: Patrimônio Cultural). Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.